O LIMITE

Renato de Araújo Cruz *

"Lar é de onde se vem. À medida que envelhecemos, o mundo se torna mais estranho, mais intrincada essa questão de distinguir mortos e vivos. Não o intenso momento isolado, sem antes e depois. Mas toda uma vida ardendo a cada instante. E não a vida de um homem apenas, mas a de antigas pedras que não podem ser decifradas".

(T. S. Eliot)

Todas as vezes em que precisava recuperar o que de certa forma estava perdido, procurava sonhar. A esperança em dissipar os erros de suas escolhas, assim como fazia com os sonhos, trazia novamente os belos dias com o perdão do amor. A beleza cruel da bondade. Correr para os braços do olhar inquiridor, a sombra do sorriso iluminava o medo de perdê-la. Estes tristes dias permaneciam num passado, as noites cobertas por lâmpadas cansadas, qual tomatinhos amarelados na vastidão do silêncio, nas paredes altas, ruas feitas em paralelepípedos, nas vozes tentando atingir a memória. O estranho ainda não se apossara com seus encantos ensinando aos seus fantasmas os dias vindouros da pesada liberdade.

Por mais que houvesse faltado clemência, estremecia na esperança de que nada mais haveria para desabar. Fora seu sonho, passo a passo até chegar o momento em que não se precisa lembrar. Os ovos de largatixa presos às raízes das samambaias, que brotavam entre os tijolos impregnados do odor dos pés de arará carregados e curvos sobre as dalias floridas, e os figos, que iriam rachar próximo ao natal, guardavam o presente da infância doída, apenas doída. A simplicidade abrigava mistérios e as casas haveriam de ser demolidas. O futuro reservava para a parede de sua casa três fotos, assim a solidão viria depois. O piano na escuridão da escada não permitia que as noites pudessem ouvi-lo. Até então, tudo era muito simples.

Para quem desconhecia os efeitos de Saturno disciplinando os dias, muito cedo aprendera o sacrifício das horas. O casaco sobre o corpo franzino e esguio seguia pela alameda, acolhendo o hálito quente do café, resquícios do calor do fogão inglês, o bule e a chaleira chamuscada de negro naquelas manhãs frias. O

* Mestrando em Teoria Literária – FFLCH / USP

imenso campo não urbanizado ao ser percorrido para se alcançar a escola, além dos eucaliptos e do vento o som da voz ecoava distante. O vento gélido pouco se dissipava durante o ano, somente nas amenas tardes podiam ser absortivamente aproveitadas. Sem dúvida a atenção de réptil buscava captar os transtornos do lar e, quando nenhum estremecimento o obrigava a retornar, se deixava entreter nas águas do córrego mau cheiroso.

O lagarto emerso na tristeza alheia. Ou a criança se desprendendo do lar desolado pelas lições de piano, pelas eternas aulas de canto. Por mais que tenham vindo novas cidades ninguém estivera a sua espera. Daí contornar os medos sonhando, jamais em voltar mas seguir sozinho. Por que mais, se sempre já o fora bastante?

Se todos têm um pai, um futuro escritor deve gerá-lo. Tal como as sombras da grande noite, o fim de um pesadelo, o medo da violência, ou quem sabe, a primeira resposta, todos caminhos de um mesmo fim, o intransponível. Voltar-se para o lado esquerdo. Mas ele aprenderá, com seu professor estrangeiro, que os meios eram sinuosos. Ele tinha um pai. Belo e vigoroso, olhos profundos e teóricos. Resgatou o gosto pelo belo e, nas revoluções e nos mundos, afastava-se desde sempre culpado pelo que não conseguia destruir. As imperfeições que apenas se diluem com o sangue dos Deuses, os horrores do que vivera. A tristeza dos seus o envelheceu mais rápido do que o sol da sediosa mãe.

Ninguém para se amar muito, desesperadamente. A infância que se revela no escuro, além dos olhos, com as pálpebras cerradas, negra e vazia é o interior da sua alma. Certa vez o professor lhe perguntara se se é grato ao nada... pelo pão, pelas manhãs e os vazios. E aí, mais uma mudança. Mais uma cidade. Ninguém. Agora, a casa era menor, ao lado da escada sempre o piano, em seu quarto a primeira escrivaninha. A sua mãe não lhe perguntara se estava preparado, dera-lhe uma máquina de escrever. A misericórdia acompanhou o afastamento das ruas e as sombras dos silêncios. Distante do professor estrangeiro, aos poucos a lembrança do nome esvaiu-se, restando apenas a imagem.

Aos poucos, as luzes se tornaram brancas. As árias passaram a ter títulos, implorava-se perdão à pátria, batia-se à porta e as vozes não mais voltavam. Quem será, neste exaurido destino, nada o impediria de viver a próxima cena. Talvez, a única.

O dom de elevar as almas e os ânimos acima de qualquer realidade palpável, a mesma que tanto obsediara seu pai, os estudos líricos, que haviam sido cantoria de embalar o sono de uma criança, levavam-na. Sem ver os fios acastanhados que começavam a invadir o seu rosto, dignificando numa incomum moldura a face de sua decisão. Imitá-la, pôr-se a caminho, sem bolos azuis em formato de coração. Preservar a independência daquilo que possuía, pondo-se hóspede, sempre. Eis o destino, as margens.

Logo que deixou sua casa, com a imperceptível visão dos abandonados começou a cultivar o aguçado sentido que o levaria ao mais profundo das almas.

Explicar a precariedade que o atirara a uma solidão insondável é tentar relatar o que não tem nome, a pura perfeição das observações de um caminhante desatento. Assim como não existiu um arco que o levasse do ridículo ao sublime, apenas de um engano ao outro. Assim como sua mãe abandonara a família para seguir a carreira de cantora, a mulher que não cometera o mesmo erro que a filha de Lot. O itinerário paterno era por demais determinado para que percebesse que até certo ponto não nos cabe outro caminho senão o da reprodução das justificativas – mesmo marginais – as certezas do que é válido e viável seguem por atalhos.

Para além da circunspeção que o ateuve aquém dos extravasamentos, numa sabedoria misteriosa e imanente, prescrutava os motivos. Se não fora produto de sua fértil imaginação os estudos e as árias os diversos ensaios de despedida, frustradas entre os longos períodos de espera, até o súbito desvario que a levou a arrumar as malas e no seu lindo *tailleur* verde, partir.